



ORGANIZAÇÕES

A POSTURA HERMENÊUTICA NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS BRASILEIROS

HERMENEUTICS POSTURE IN ORGANIZATIONAL BRAZILIAN STUDIES

Yeda Maria Pereira Pavão

Doutoranda em Administração e Turismo na UNIVALI
Universidade do Vale do Itajaí- SC

Professora assistente no Departamento de Administração da
Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão

Christiane Kleinübing Godoi

Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal
de Santa Catarina

Professora titular da Universidade do Vale do Itajaí

Simone Sehnem

Doutoranda em Administração - UNIVALI

Data de submissão: 24 jun. 2010 . **Data de aprovação:**

09 out. 2011 . **Sistema de avaliação:** Double blind review.

. Universidade FUMEC / FACE . Prof. Dr. Henrique Cordeiro
Martins . Prof. Dr. Cid Gonçalves Filho.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa consiste em analisar, nos estudos organizacionais brasileiros, a postura hermenêutica dos pesquisadores. O objeto desse estudo foram as publicações, entre 2000 e 2009, reunidas nos periódicos nacionais classificados pelo *Qualis/CAPES*. Foi efetuado um levantamento bibliométrico, análise documental e citacional. O critério para a seleção dos artigos foi baseado na ocorrência da terminologia hermenêutica, no título, resumo, e, ou, palavras-chave. Dos 19 periódicos nacionais consultados, foram selecionados 06 para comporem a amostra. Nos 06 periódicos, foram identificados apenas 12 artigos contendo as terminologias buscadas. Na análise citacional, foram mapeadas 357 referências bibliográficas (artigos, livros, sites, normalizações) contidas nesses artigos. Evidenciamos que, embora a hermenêutica estivesse presente para explicar os temas específicos

trabalhados pelos pesquisadores, a práxis inerente à postura epistemológica encontra-se pouco explorada nos trabalhos desenvolvidos. Dentre os poucos pesquisadores encontrados, que se dispõem a realizar estudos que incluam a hermenêutica, nem todos utilizam os precursores basilares.

PALAVRAS-CHAVE

Estudos organizacionais. Epistemologia. Hermenêutica. Postura epistemológica. Análise citacional.

ABSTRACT

The objective of this research is to examine, in organizational studies in Brazil, the hermeneutic stance of the researchers. The object of this study were published between 2000 to 2009 collected in national journals classified by Qualis/CAPES. We performed a bibliometric survey, document analysis and disquotational. The criterion for selection of articles was based on the occurrence of hermeneutical terminology in the title, abstract, and / or keywords. Of the 19 national journals consulted were selected in 2006 to compose the sample. In 06 journals were identified only 12 articles containing terminology sought. In the analysis were mapped disquotational 357 references (articles, books, websites, normalized) contained in these articles. We demonstrated that hermeneutics, although he was present to explain the themes worked out by the researchers, praxis inherent epistemological position is not explored in their works. Among the few researchers have found that conducting studies that include hermeneutics, not all use the basic precursors.

KEYWORDS

Organizational studies. Epistemology. Hermeneutics. Epistemological. Disquotational analysis.

INTRODUÇÃO

A pesquisa qualitativa em ciências sociais consiste em uma complexa arena de diferentes paradigmas norteadores das investigações. No campo organizacional, as escolhas mais habituais dos pesquisadores são o interpretacionismo, o construcionismo, a fenomenologia,

os estudos críticos e os estudos pós-modernos. A finalidade última deste estudo reside em analisar as contribuições recentes da hermenêutica para o campo organizacional.

Gadamer (2002), considerado fundador e principal representante da hermenêutica contemporânea, evidencia que a expressão hermenêutica abarca

diversos níveis de reflexão. Inicialmente o autor a *traduz*, ou ainda, dá significado à hermenêutica, como sendo uma práxis relacionada a uma arte. Sugere a *tekhne (arte)* como palavra complementar. Para ele, a arte em questão, “[...] é arte do anúncio, da tradução, da explicação e interpretação, que inclui naturalmente a arte da compreensão, que lhe serve de base, do sentido de algo se acha obscuro e duvidoso” (2002, p.111). Trata-se da hermenêutica filosófica, na qual o autor descreve que o compreender só é possível quando aquele que compreende coloca em jogo seus próprios preconceitos. Porém, destaca a subjetividade entre o texto e quem o interpreta. Denota-se aqui a distância insuperável entre os tempos, as culturas, as classes, as raças, ou mesmo entre as pessoas. Assim, o significado não é apenas descoberto, e sim *negociado* (mediado) mutuamente, quando da interpretação, opondo-se a um realismo ingênuo ou objetivismo no que se refere ao significado. Pode-se dizer que não haverá uma interpretação definitivamente correta. Projetando-se na filosofia gadameriana, o que é correto, então? Há limite de domínio textual? Gadamer explica que o intérprete e o texto possuem horizontes diferentes, e, quando há a compreensão, ocorre a fusão desses horizontes, ou ainda, os horizontes diferentes, antes separados, fundem-se.

Tendo como fio condutor os preceitos que permeiam a hermenêutica, pretendeu-se, inicialmente, a partir da corrente teórica hermenêutica, com ênfase em Gadamer, e do diálogo com autores, promover reflexividades sobre esse paradigma. Buscou-se, também, contribuir para a ampliação do interesse pelo assunto, no campo das ciências sociais aplicadas no

contexto dos estudos organizacionais no Brasil. Para reforçar esse diálogo, remete-se à fala de Gadamer (2002, p.73) sobre o círculo da compreensão, que diz: “É tarefa da hermenêutica esclarecer o milagre da compreensão, que não é uma comunicação misteriosa entre as almas, mas participação num sentido comum”. Nota-se, nessa frase do autor, o sentido reflexivo ligado a *arte* sacra e ao interior (alma) do ser, uma vez que, na visão de Gadamer (2002, p. 112), “a contribuição que a hermenêutica pode fazer é sempre a transferência de um mundo para o outro [...]”.

O conceito central sobre o qual este artigo se sustenta é a postura hermenêutica do pesquisador. A hermenêutica remete, em primeiro lugar, a uma prática, que requer especial habilidade, pois abarca diversos níveis de reflexão. Hermenêutica deriva do grego *hermeneuein*, comumente tida como filosofia da interpretação. Significa práxis, relacionada a uma arte (GADAMER, 2002), ou seja, é a interpretação e compreensão dos produtos da mente humana que caracterizam o mundo social e cultural – do mundo dos deuses para o dos homens. Para Palmer (1999), o termo *hermenêutica* parece estar relacionado etimologicamente ao deus grego Hermes, que era o mensageiro dos deuses, e está associado à *Ilíada* e à *Odisseia*. Ele levava as mensagens de Zeus para todo o mundo, *especially from the divine realm and level down to the human level*.

O significado utilizado para a postura hermenêutica, neste trabalho, reside no campo da atitude propriamente dita, como pré-disposição interior a agir. Portanto, tem-se nesta pesquisa que a postura epistemológica é o respeito

pelas determinações advindas do próprio objeto considerado e suas derivações epistêmicas, quer dizer, do zelo com que cada palavra é *tecida* no contexto em que se insere e na forma com que o autor *conversa* com os autores que busca para dar consistência ao seu pensar e falar. E, notoriamente, o respeito às fontes originárias, envolvendo as concepções de seus precursores. Dessa forma, a sua comunicação pode dar o efeito de sentido ao texto, de forma mais compreensiva e, conseqüentemente, possibilitar ao leitor uma melhor interpretação.

Dentro desse contexto, esse estudo objetivou identificar a contribuição da hermenêutica para os estudos organizacionais contemporâneos, por meio da análise da postura epistemológica de seus autores, nas publicações reunidas nos periódicos nacionais no período de 2000 a 2009, classificadas, pela *Qualis/CAPES*, como "A1, A2, B1 e B2", nas áreas de Administração, Ciências Contábeis e Turismo, referentes ao triênio 2007/2009. A classificação adotada está pautada no critério da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A POSTURA HERMENÊUTICA

Desde Aristóteles (1966), diversos são os escritos hermenêuticos, dentre os quais destacamos: Derrida (1971, 1973, 1989), Dilthey (1979, 1900), Franco (1995), Gadamer (1987, 1998, 2002), Habermas (1981, 1982, 1987, 1989), Heidegger (1949, 1981, 1987, 2000), Ricoeur (1975, 1979, 1990), Vattimo (1994) e, no Brasil, as obras de Amaral (1994), Andrade (1963), Barros (1992), Bultmann (1987), Coreth (1973), Cunha (1977), Demo (1981, 1989), entre outros.

Grondin (1999) afirma que a palavra hermenêutica apresenta diversos significados, tais como: explicação, explanação, tradução, exegese. Diante disso, o autor recomenda restringir o termo à ideia de teoria de interpretação. Entretanto, interpretar está subjacente ao traduzir ou ainda, tornar compreensível um sentido estranho ou ambíguo. Desse modo, uma nova formulação linguística se sobrepõe a uma linguagem já formulada. Isso contribui na formulação de diretrizes e parâmetros interpretativos. A hermenêutica tem sido relevante na investigação e no esclarecimento de textos antigos, cujos contextos social, econômico e cultural não se pode reconstruir na íntegra. Foi fundamental na Idade Média, com base no critério da autoridade, para garantir a correta compreensão dos clássicos, dos livros sagrados e dos santos padres. Posteriormente à Reforma, momento em que se exigiu uma rigorosa investigação da Sagrada Escritura, para a fundamentação da fé cristã, a hermenêutica também contribuiu de maneira expressiva.

A temática global da compreensão e da interpretação, todavia, adquire novo relevo com a eclosão do historicismo e o acirramento da validade epistemológica da história, da psicologia, da sociologia e das ciências do espírito. A hermenêutica assumiu a forma de uma doutrina que prometia apresentar as regras de uma interpretação competente. Seu objetivo era eminentemente normativo e técnico. Até o século passado, a hermenêutica se restringia à tarefa de fornecer às ciências interpretativas indicações metodológicas, no intuito de prevenir, da melhor maneira possível, a arbitrariedade no campo da interpretação. Era considerada uma

disciplina auxiliar no contexto das ciências. Em decorrência disso, formou-se, desde a Renascença, uma hermenêutica teológica (hermenêutica sacra), uma hermenêutica filosófica (hermenêutica profana) e uma hermenêutica jurídica. Entretanto, a ideia de arte da interpretação remonta até o período patrístico, e, provavelmente, até a filosofia estoica, onde foi desenvolvida uma interpretação alegórica dos mitos e, inclusive, a tradição das rapsódias entre os gregos (GRONDIN, 1999).

Em Grandesso (2000, p.178-180), a hermenêutica adquire três desdobramentos: (i) a romântica – no século passado, na qual, para compreender outra pessoa, dever-se-ia experienciar sua subjetividade (empatia); (ii) objetivista ou moderna – que denota a possibilidade da compreensão dos significados por meio da razão e da observação. Essa modalidade busca, nos preceitos de Hirsch (1967), que o significado de um texto pode ser determinado, e cabe ao autor, capturá-lo e interpretá-lo; e (iii) filosófica (ou contemporânea) – apoiada em Gadamer (1975, 1976, 1996), para quem “[...] o significado é descoberto na distância da compreensão, mas decorre da participação na história efetiva, de maneira tal que aquilo que se compreende vem a fazer sentido a partir de um enlace circular com aquilo que já sabemos” (1996, p.180).

A hermenêutica filosófica apresenta outro apelo, o de prover uma visão crítica; e traz à consciência, em uma orientação reflexiva, as experiências que fazemos em linguagem, ao exercermos a capacidade comunicativa. Por conseguinte, “a experiência hermenêutica eleva à consciência a posição do sujeito falante com respeito à linguagem”

(HABERMAS, 1987, p. 28). Conforme o autor, “a consciência hermenêutica é resultado de uma autorreflexão, na qual o sujeito falante percebe suas liberdades e dependências características com relação à linguagem” (HABERMAS, 1987, p. 34). Desse modo, cria-se uma ilusão subjetiva e objetiva na qual a consciência ingênua se mantém presa. E a autorreflexão permite que o indivíduo consiga esclarecer as experiências que se sucedem com o sujeito falante, no uso da competência comunicativa, porém, não tem a habilidade de explicar essa competência.

Gadamer (2002) e Grondin (1999) afirmam que, na modernidade, a hermenêutica também não se desenvolveu de forma retilínea em direção a um objetivo teleológico ou filosófico. Para Gadamer (2002), foi Lutero que a retomou e revitalizou. Complementa que o primeiro registro da palavra hermenêutica, como título de livro, data do ano de 1654, com Johann Conrad Dannhauer, *Hermenêutica sacra sive methodus exponendarum sacrum litterarum*.

Conforme Habermas (1987, p. 26), a “hermenêutica se refere a uma ‘capacidade’ que adquirimos à medida que aprendemos a ‘dominar’ uma linguagem natural: a arte de compreender um sentido linguisticamente comunicável”. Nesse sentido, o autor procura elucidar que a compreensão do sentido diz respeito ao conteúdo semântico do discurso, assim como as significações fixadas por escrito ou em sistemas de símbolos não linguísticos. Porém, é importante salientar que a capacidade de interpretação de cada falante pode ser estilizada e desenvolvida como uma habilidade técnica. Essa técnica, que

também é uma arte, objetiva convencer, persuadir em situações nas quais o indivíduo vivencia decisões práticas.

Habermas (1987) reitera que os problemas que ocorrem no âmbito do medir retornam ao nível da formação da teoria: a escolha do quadro categorial e dos predicados fundamentais precisa corresponder a um conceito prévio do próprio domínio de objetos, que surge por tentativas. Além disso, a consciência hermenêutica refere-se também à autocompreensão cientificista das ciências naturais, naturalmente, não a sua metodologia.

Os apontamentos históricos, escritos por Grondin (1999), em que são retomados os principais autores que participaram dos vieses históricos ligados à hermenêutica, conduziram-nos ao aprofundamento de autores importantes para a perspectiva hermenêutica. A partir de tais subsídios teóricos, foi elaborada breve historicidade com os autores seminais, incluindo o período da vida desses autores e suas respectivas contribuições discursivas (ver QUADRO 1).

QUADRO 1 - Autores e obras que fundamentaram a hermenêutica

Autor	Obra	Ano	Contribuição Discursiva
Platão		429-347 a. C.	Platão tinha a dialética como a única ciência verdadeira.
Santo Agostinho	Confissões, liv.xi, "o homem e o tempo"	354-430	A universalidade da hermenêutica está situada na palavra <i>interior (grifo nosso)</i> , no falar da alma consigo mesma, na gestão de ideias que se dá no íntimo da mente humana, pois a fala que se exterioriza fica sempre aquém da palavra interior a ser expressa. Por isso, só se entende realmente o que é falado, quando se recupera a linguagem interior que espreguiça atrás dela. Os verbos relacionados com a percepção do indivíduo - "ver" e "notar" - permitem adiantar que a resolução da questão do tempo estava diretamente ligada à capacidade interna do homem de estar atento à mudança do tempo e guardar na memória as consequências da passagem temporal.
Martin Lutero		1483-1546	Sem uma teoria hermenêutica específica, ocupou-se com trabalhos e preleções exegéticas, e sim por seu colaborador Flacius Illyricus, o qual certamente elaborou a primeira teoria hermenêutica moderna da Sagrada Escritura.
Matthias Flacius Illyricus	<i>Clavis Scripturae Sacrae</i>	1520-1575	Forneceu a primeira e exemplar hermenêutica da Sagrada Escritura. Com ela, embora ainda falte a palavra hermenêutica, pôde-se falar, pela primeira vez, de uma teoria hermenêutica no protestantismo. É sua intenção oferecer uma chave para a decifração das passagens obscuras da bíblia. Teólogo luterano Matthias Flacius Illyricus (1520-1575) foi uma das primeiras pessoas a codificar a Êgese da bíblia protestante, marco na história da ciência moderna da interpretação.
Johann Conrad Dannhauer	<i>Hermenêutica sacra sive methodus exponendarum sacrum litterarum</i>	1603-1666	Foi o primeiro autor a empregar a palavra hermenêutica no título de um livro.
Friedrich Schleiermacher	Sobre o conceito da hermenêutica	1768-1834	O autor apresenta uma discussão dos princípios de Wolf e Ast, do que é uma concepção hermenêutica global. A sua hermenêutica, que deveria ser inserida no horizonte de uma dialética, tratava em preleções.
Georg Wilhelm Friedrich Hegel	Fenomenologia do Espírito	1770-1831	Um dos nomes mais polêmicos da história da filosofia. Em sua <i>Fenomenologia</i> , Hegel, como tantos outros antes e depois dele, tentou aproximar a filosofia da forma de fazer ciência consagrada em seu tempo: uma investigação filosófica cujo objetivo último seria encontrar a verdade.
Johann Gustav Droysen	Esboço da historicidade	1808-1884	Associou a hermenêutica com a necessidade de uma metodologia das ciências não exatas. Empenhou-se por uma metodologia da história, que ele também só apresentou em preleções, sem publicá-la integralmente.
Frederic William Farrar	História da interpretação	1831-1903	Defensor e praticante do método alegórico de interpretação. Apresenta considerações sobre o campo da semântica nos estudos linguísticos. Refere-se àquilo que é chamado de significação.
Wilhelm Christian Ludwig Dilthey	A origem da hermenêutica (Die Entstehung der Hermeneuthik)	1833-1911	Dilthey ampliou a hermenêutica sistemática para uma metodologia universal das ciências do espírito e Heidegger ancorou a questão da hermenêutica no terreno ainda mais fundamental da facticidade humana. Foi a partir de seu trabalho, basicamente, que a hermenêutica alcançou o <i>status</i> da escola de pensamento dentro do contexto da teoria social contemporânea.
Martin Heidegger	<i>Concepts fondamentaux e Ser e Tempo</i>	1889-1976	O autor ancora a hermenêutica fundamentalmente no terreno da facticidade humana.
Hans-Georg Gadamer	O que é verdade?	1900-2002	Gadamer desejara libertar a pretensão de verdade da linguagem do solo. Sua tese principal é o de que a elocução tem, em princípio, limites, que provêm da finitude histórica e de nossa orientação para a espessura de uma linguagem já existente, porém aberta. O que é verdade (Jó 18, 38) retomada por Gadamer (2002, p. 57), engloba em si o problema da neutralidade. Defende a visão dialógica, considerada eco da doutrina agostiniana, por meio da qual quer superar o esquecimento ocidental da linguagem, ou seja, a fixação sobre o enunciado como algo último, sob abstração do caráter de acontecimentos do significado. Preocupação com a palavra interior e a comprovação da pretensão da universalidade da hermenêutica. Precursor da filosofia hermenêutica.

Fonte: Elaborado pelas autoras, a partir de Grondin (1999).

A partir do QUADRO 1, pode-se perceber a relevância histórica da hermenêutica. Desde os anos 429-347 a. C., com Platão, e desde 354-430, com Santo Agostinho, ainda se mantém o debate, reavivado com estudos de autores mais contemporâneos, como Richard E. Palmer (1989) e Hans-Georg Gadamer (2002), preocupados em desenvolver a compreensão e mesmo interpretar a própria hermenêutica.

Com a finalidade de evidenciar a postura hermenêutica, tomamos os escritos de José Henrique de Faria, em 2007, ao tratar sobre os *predadores* (grifo nosso) organizacionais. O autor analisa criticamente as teorias e práticas organizacionais, ao versar que: “as organizações são instâncias de mediação”. “[...] lugar privilegiado das tramas, da dupla linguagem, da encenação” (FARIA, 2007, p. 317). Nesse sentido, pode-se inferir que as organizações representam um elo idiossincrático do sujeito com o ambiente organizacional. Faria (2007, 319) explica que: “Predação organizacional é o hábito desenvolvido principalmente entre gestores e refere-se ao processo no qual eles procuram ativamente as suas presas [...]”. Por analogia e metáfora, Faria sugere que as presas podem ser outros gestores, subordinados ou concorrentes. Complementa que estes são perseguidos pelos gestores que os capturam a partir de ataques diretos ou de armadilhas astuciosamente construídas, para serem incluídos na cadeia alimentar deles.

Esse exemplo serve para contextualizar aspectos discursivos adotados pelas organizações que, na visão de Faria (2007), caracterizam a prática ideológica organizacional. Tais práticas, materializadas nos discursos e nas ações discursivas, obedecem a formulações

simbólicas previamente estabelecidas, e pelas quais os seus membros se reconhecem “como portadores de um mesmo projeto ou ideal” (FARIA, 2007, p. 136). Esse autor descreve cinco formas discursivas que as organizações poderão praticar, a saber: discurso social comum, discurso ideológico propriamente dito, discurso democrático reflexivo, discurso mítico e discurso teleológico. Para cada discurso há um nível de envolvimento dos membros da organização, e este nível determina a posição de cada membro dentro do ambiente organizacional. A descrição da tipologia dos discursos revela a *postura hermenêutica* de Faria. Contudo, não é objeto deste estudo descrever e refletir sobre essas formas discursivas.

MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Os métodos e procedimentos utilizados nesta pesquisa são descritos nesta seção, no intuito de selecionar os artigos e permitir a identificação da postura hermenêutica dos pesquisadores, no período estabelecido. O estudo foi composto basicamente de levantamento bibliométrico, análise documental e análise citacional.

A bibliometria tem como finalidade o tratamento e a análise estatística da mensuração dos aspectos quantitativos a partir das diferentes publicações científicas refletidas em artigos, livros e em revistas científicas. Ao estudo da bibliometria, Vanti (2002) apresenta breve historicidade sobre o termo como instrumento para medir a informação e como difusor do conhecimento. O autor destacou que, embora o termo tenha sido popularizado por Alan Pritchard, em 1969, ao enfatizar que este deveria substituir o

termo bibliografia estatística, Edson Nery da Fonseca, em 1986, lembra que Paul Otlet, em 1934, foi quem utilizou esta terminologia pela primeira vez. Contudo, Nadia Aurora Peres Vanti (2002) ressalta, ainda, que, em 1922, Edward Wyndham

Hulme reportou-se ao estudo pioneiro de Cole e Eales, de 1917, sobre análise estatística de bibliografia. Diante da retomada histórica da autora, elaboramos a ilustração a seguir demonstrada na FIG. 1.

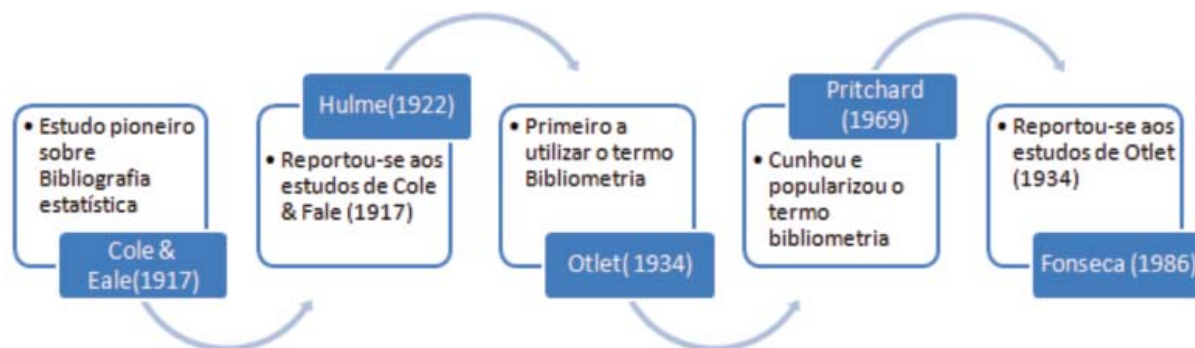


FIGURA 1 - Historicidade da bibliometria

Fonte: Elaborado pelas autoras (2009).

Especificamente, foram pesquisados, nas publicações reunidas nos periódicos nacionais classificados pela *Qualis/CAPES*, apenas os periódicos nacionais que possuíssem estratos como “A1, A2, B1 e B2” nas áreas de Administração, Ciências Contábeis e Turismo, referentes ao triênio 2007/2009. O critério para a seleção dos artigos se deu da seguinte forma: (i) analisar a relevância e representatividade científica dos periódicos selecionados, para a academia; (ii) separar um conjunto de periódicos considerados suficientes ao que se propõe na presente pesquisa; (iii) identificar nos periódicos nacionais os artigos que possuíssem a ocorrência da terminologia hermenêutica, no *título*, *resumo*, e, ou, *palavras-chave*; (iv)

após o critério de seleção dos artigos, a pesquisa assumiu um caráter de análise documental e citacional, uma vez que a seleção da amostra se justifica pelo fato de os periódicos serem fontes importantes de propagação do conhecimento do tema; (v) realizar análise citacional nas referências contidas nos artigos selecionados, dos autores que tiveram suas publicações no período delimitado na amostra; (vi) os periódicos foram consultados diretamente em seus próprios *sites*, ou seja, foram pesquisados apenas os artigos científicos disponibilizados na internet.

Para este estudo, o foco foi direcionado aos 19 periódicos “A1”, “A2”, “B1” e “B2” nacionais, considerados específicos às áreas de Administração, Ciências

Contábeis e Turismo, referentes ao triênio 2007/2009. Após esta nova análise, a amostra ficou restrita a apenas seis periódicos, por duas razões: por ter sido identificada a ocorrência terminológica estabelecida apenas dentre esses; e pela convergência teórica abordada. Dentre os seis periódicos, foram identificados apenas 12 artigos.

Na etapa seguinte do mapeamento, os artigos selecionados foram submetidos a uma análise de conteúdo que, para Bardin (2004), permite o mapeamento dos artigos, a partir de um conjunto de técnicas de análise das comunicações, para obtenção de indicadores que possibilitem a geração de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens.

No decorrer do processo foram ressaltados alguns focos importantes de análise (autores, afiliação, tipo de autoria, periódico, ano, título do artigo, tipo de estudo). Esses critérios serviram de base para a elaboração de um formulário padronizado, utilizado na investigação do conteúdo de cada artigo.

Por último, realizou-se a análise citacional, com base nos autores mais representativos para os artigos que faziam parte da amostra. Para Pieters e Baumgartner (2002), esse tipo de análise procura descrever o fluxo da comunicação em uma rede de informações, de maneira a compreender a influência de seus componentes em termos de citações que recebem, a partir de outros periódicos, podendo ser aplicada também em

artigos ou autores. Justifica-se que, para este estudo, optou-se por fazer a análise citacional nas referências contidas nos artigos selecionados dos autores referenciados, no mínimo três vezes, em todas as referências dos 12 artigos da amostra, evidenciando sua postura hermenêutica, com destaque para as obras mais referenciadas nesse recorte amostral. A intenção desse procedimento pauta-se na tentativa de encontrar autores precursores e, ou, seminais, sobre hermenêutica, uma vez que o assunto consta nos artigos selecionados no título, resumo e, ou, palavras-chave, em destaque para os trabalhos mais referenciados no recorte amostral estabelecido.

A classificação metodológica adotada no trabalho, para catalogar os artigos, segue o referencial proposto por Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (2000), que basicamente consiste em: (i) *Pesquisa empírica*: quando o trabalho se concentra na observação e análise de dados, sem apresentar fundamentação teórica prévia; (ii) *Pesquisa teórico-empírica*: quando o estudo apresenta dados coletados, que são analisados e confrontados com correntes teóricas revisadas; e (iii) *Pesquisa teórica*: são trabalhos que, por não apresentarem dados empíricos, se limitam à articulação, formulação e contraposição de conceitos teóricos. Para exemplificar, apresenta-se o modelo do formulário utilizado na pesquisa para a coleta de dados, conforme QUADRO 2, a seguir.

QUADRO 2 - Modelo do Formulário

Seq	Autores	Tipo de Autoria	Periódico	Ano	Título Artigo	Tipo de pesquisa	
						Teórica	Teórico-Empírica

Fonte: Elaborado pelas autoras (2009).

Descrição e análise dos dados

Esta seção dedica-se à descrição e análise dos dados, em que se apresentam os resultados do estudo bibliométrico, o mapeamento e a análise citacional da pesquisa. Nas temáticas sobre as quais foi efetuada a análise na dimensão da hermenêutica, é possível perceber que se trata de assuntos ecléticos, que englobam temas relacionados a organizações, sociedade, informática, dentre outros. Dessa forma, percebeu-se que não existem limites para a tessitura de análises, críticas e reflexões sobre a hermenêutica.

ESTUDO BIBLIOMÉTRICO

Evidenciou-se que as pesquisas nacionais ainda não tratam de aspectos relacionados à especificidade da hermenêutica, muito embora busquem metodologicamente interpretar assuntos em diferentes contextos. O QUADRO 3, elaborado a seguir, demonstra os periódicos que concentraram as publicações dos artigos trabalhados no Brasil, denotando a baixa incidência acerca do tema. Destaque para os seis periódicos selecionados neste estudo.

QUADRO 3 - Revistas/Periódicos com publicações sobre hermenêutica

Títulos dos Periódicos	Estrato	Verificados										Total de artigos
		2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	
1. Comportamento Organizacional e Gestão	B1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2. Economia e Sociedade (UNICAMP)	B1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
3. Gestão e Produção (UFSCar)	A2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4. Pesquisa Operacional	A2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
5. Produção (São Paulo)	A2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
6. Psicologia e Sociedade	A2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
7. RAC. Revista de Administração Contemporânea	B1	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	2
8. RAE Eletrônica	B1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
9. RAE. Revista de Administração de Empresas	B1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
10. RAM. Revista de Administração Mackenzie	B2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
11. RAP. Revista Brasileira de Administração Pública	B1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
12. RAUSP. Revista de Administração	B2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
13. REAd. Revista Eletrônica de Administração	B2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
14. Revista Brasileira de Ciências Sociais	A2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
15. Revista Brasileira de Finanças	B1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16. Ciência da Informação	B2	0	0	0	1	1	1	2	0	1	0	6
17. Revista Contabilidade & Finanças	B1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18. Revista de gestão da tecnologia e sistemas de informação	B1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
19. Ser Social (UnB)	B2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total publicações		0	0	1	3	1	1	3	1	1	1	12

Fonte: Elaborado pelas autoras (2009).

Com esses resultados (QUADRO 3) percebeu-se que os periódicos não trazem abordagens históricas e, ou, teóricas sobre a hermenêutica. Isso denota pouca preocupação com os aspectos seminais que norteiam o tema, e pouca reflexão e junção de sua compreensão, ligando-a ao assunto tratado nos respectivos estudos. Por esse motivo, este estudo trabalhou e

desenvolveu-se apenas com 12 artigos, publicados no Brasil, que retratam de alguma forma o assunto, no título, resumo e, ou, palavras-chave. Os periódicos que compõem a amostra com a respectiva frequência relativa, obtida na análise realizada nos seis periódicos resultantes deste estudo, foram registrados em ordem alfabética na TAB.1.

TABELA 1 - Metodologia dos artigos selecionados

Seq	Periódico	Artigos selecionados	Frequência relativa	Tipo dos estudos			
				Teórico-Empírico		Teórico	
				N	%	N	%
1	Ciência da Informação	6	50%	5	32,41	1	13,89
2	Psicologia e Sociedade	1	8,33%	1	6,48	-	-
3	RAC. Revista de Administração Contemporânea	2	16,67%	1	6,48	1	13,89
4	RAE. Revista de Administração de Empresa	1	8,33%	1	6,48	-	-
5	RAP. Revista Brasileira de Administração Pública	1	8,33%	1	6,48	-	-
6	Revista Brasileira de Ciências Sociais	1	8,33%	-	-	1	13,89
TOTAL		12	100	9	58,33	3	41,67

Legenda: N – Número de artigos (quantidade)

Fonte: Elaborado pelas autoras (2009).

A quantidade mais expressiva foi encontrada na *Revista Ciência da Informação*, perfazendo uma frequência relativa de 50% dos artigos analisados. Serão analisados apenas 12 artigos que compõem a amostra, nas próximas seções. O tamanho restrito da amostra justifica-se, no cenário nacional, porque essa abordagem ainda é recente nas publicações científicas, mas tende a aumentar, em virtude, principalmente, das discussões recentes em eventos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD).

Com base na classificação de Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (2000), constatou-se que todos os artigos foram enquadrados como pesquisa teórico-empírica ou como ensaio teórico. Houve um predomínio dos artigos teóricos, perfazendo um índice de participação

de 58%, seguido pelos estudos teórico-empíricos, que obtiveram uma frequência relativa de 42%. Esses percentuais suscitam algumas indagações como: Quais as prováveis causas para essa preferência, na comunidade acadêmica, por estudos teóricos alusivos aos preceitos hermenêuticos? Será que existe a compreensão de que a hermenêutica significa uma formação de consciência? Até que ponto poderá haver influência, do assunto em questão, com a área profissional dos pesquisadores? Em se tratando de hermenêutica, será que os pesquisadores estão conseguindo identificar, no interior das teorias sobre hermenêutica, um *corpus* de pesquisa? A TAB. 2 apresenta a média de autores por artigo, em cada ano referente ao período em análise.

TABELA 02 - Média de autores por artigo no período analisado

Item	Período analisado										Total
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	
Total de autores / ano	0	0	1	5	1	1	3	3	3	1	18
Total de artigos / ano	0	0	1	3	1	1	3	1	1	1	12
Média de Autores / Artigo	0	0	1	1,66	1	1	1	3	3	1	1,5

Fonte: Elaborado pelas autoras (2009).

Nota-se, na TAB. 2, que, com exceção do ano de 2000 e 2001, há uma preferência em publicar artigo com apenas uma autoria.

Mapeamento da pesquisa

Ressalta-se que as publicações encontradas sobre hermenêutica apareceram apenas em seis periódicos, dos 12 artigos identificados na amostra no período entre 2000 e 2009. Diante da quantidade encontrada, de 17 autores

diferentes, com dois artigos, e nove, com três artigos, optou-se por dois critérios: (i) o *ranking* seria composto por cinco autores mais referenciados; (ii) para comporem o *ranking*, os autores referenciados deveriam ter acima de quatro citações em todas as referências bibliográficas (livros, artigos, normas). Dessa forma, chegou-se a seis autores mais representativos, entre as 347 obras referenciadas, com 357 autores, identificados nos 12 artigos da amostra, conforme TAB. 3, a seguir.

TABELA 03 - Autores mais representativos da amostra

Ranking	Autores	Frequência de citações
1°	GEERTZ, Clifford	10
1°	HABERMAS, Jurgen	10
1°	HONNETH, Axel	10
2°	LÉVY, Pierre	9
3°	RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel	6
4°	RICOEUR, Paul	5

Fonte: Elaborado pelas autoras (2009).

A partir dos resultados obtidos e demonstrados no *ranking*, verificou-se que, dentre os autores mais referenciados, estão autores como: Clifford Geertz, com obras escritas em 1973, 1978, 1980, 1983, 1985 e 2001; Jurgen Habermas, com textos de 1987, 1989, 1999, 2000, 2001, 2003 e 2004; e Axel Honneth, com sua obra mais antiga, escrita em 1969, além de outros trabalhos de 1983, 1991, 2001, 2003 e 2004. Esses autores ocupam a primeira posição, totalizando 10 citações cada um, entre todas as 347 referências. Em segundo lugar, encontra-se Pierre Lévy, citado nove vezes. Na sequência, Max Weber, com sete citações, Miguel Angel Rendon Rojas, com seis citações; e em quinta posição, Paul Ricoeur com cinco citações. Portanto, pautado na TAB. 3, é possível inferir que ainda há preferência por autores precursores quanto à hermenêutica, como Jurgen Habermas, considerado o autor da teoria da ação comunicativa e referenciado na historicidade sobre hermenêutica, nesta pesquisa (ver QUADRO 1). Revelamos ainda que, embora Hans-Georg Gadamer não tenha feito parte do *ranking*, consta duas vezes entre as citações dos artigos da amostra, para a elaboração de artigos atinentes à temática hermenêutica. Entretanto, a frequência de citação dos trabalhos desses autores ainda é considerada pequena, se comparada aos 347 trabalhos distintos, acessados para a elaboração dos 12 artigos.

Análise citacional

A partir da análise citacional, também foi permitido observar que a obra referenciada, mais antiga, foi de 1943, de Rickert, H., cujo título é *Ciência cultural y ciencia natural*, citada por Lúcio Flávio Renault de Moraes, Antonio Del Maestro Filho e Devanir Vieira Dias, no artigo que

versou sobre "O Paradigma Weberiano da Ação Social: um ensaio sobre a compreensão do sentido, a Criação de Tipos Ideais e suas Aplicações na Teoria Organizacional", publicado na *Revista de Administração Contemporânea*, em 2003. Já a mais atual foi de 2005, elaborada por diversos autores como Rafael Echeverría; J. Galvão; M. G. de Sá; Roy Schafer; Rubens R. G. Silva; A. Berkman; J. Garcia; M. Muñoz-Laboy; V. Paiva; R. Parker; Victoria Burke; Georges Chapouthier; Douwe Draaisma. Dentre as obras referenciadas, pode-se perceber a pouca incidência de artigos citados recorrentemente, ou seja, os mesmos autores foram citados menos que duas vezes, com a mesma obra, entre os 12 artigos amostrados neste estudo.

Ao considerar o total de 357 referências de 347 obras distintas, pode-se inferir que os adeptos da abordagem hermenêutica são ecléticos no que diz respeito às publicações consultadas. Tem-se uma quantidade média de 27,33 referências consultadas, por artigo analisado, oscilando entre 18 e 53 referências.

Ao efetuar um comparativo entre os autores que apresentam a evolução dos estudos relativos à hermenêutica, constata-se que, dentre o acervo bibliográfico referenciado nos 12 artigos, três autores foram referenciados, ainda que não recorrentemente, de acordo com o QUADRO 1, quais sejam: Hans-Georg Gadamer e Jurgen Habermas. Os demais são distintos. Desse modo, fica evidente a existência de um rol grande de autores que versam sobre essa temática. Por outro lado, questiona-se se os autores que elaboraram os 12 artigos tiveram um senso crítico, a ponto de buscar acessar os autores recorrentemente citados sobre o tema, além dos clássicos e dos

seminais. O QUADRO 4 permite evidenciar os autores, o título do artigo, o ano, bem como as respectivas revistas/periódicos

que os publicaram. Foram dispostas por ordem de publicação nos periódicos ranqueados.

QUADRO 4 - Fonte, autoria e enquadramento metodológico dos artigos analisados

Seq	Autor(es)	Título do Artigo	Ano	Revista/Periódicos	Tipo de Estudo	
					Teórico	Teórico-Empírico
1	Carlos Alberto Ávila Araújo	A ciência da informação como ciência social.	2003	Revista Ciência da Informação	X	-
2	Marilda Lopez Ginez de Lara	Diferenças conceituais sobre termos e definições e implicações na organização da linguagem documentária.	2004	Revista Ciência da Informação	X	-
3	Miguel Ángel Rendón Rojas	Relación entre los conceptos: información, conocimiento y valor. Semejanzas y diferencias.	2005	Revista Ciência da Informação	X	-
4	Rubens Silva	Acervos fotográficos públicos: uma introdução sobre digitalização no contexto político da disseminação de conteúdos.	2006	Revista Ciência da Informação	-	X
5	Silvana Monteiro; Ana Carelli; Maria Elisa Pickler	Representação e memória no ciberespaço	2006	Revista Ciência da Informação	X	-
6	Gentil José de Lucena Filho; Margarita Maria Morales Villegas,; Sheila da Costa Oliveira	Histórias de aprendizagem e gestão organizacional: uma abordagem ontológica e hermenêutica.	2008	Revista Ciência da Informação	X	-
7	Carlos Roberto de Castro-Silva; W. E. (Ted) Hewitt; Silvana Cavichioli	Igualdades e Dessimetrias: A Participação Política em Ongs Hiv/Aids do Canadá e o Brasil	2007	Psicologia e Sociedade	-	X
8	Carmen Lígia Iochins Grisci	Dos Corpos em Rede às Máquinas em Rede: Reestruturação do Trabalho Bancário e Constituição do Sujeito.	2003	Revista de Administração Contemporânea	-	X
9	Lúcio Flávio Renault de Moraes, Antonio Del Maestro Filho, Devanir Vieira Dias	O Paradigma Weberiano da Ação Social: um Ensaio sobre a Compreensão do Sentido, a Criação de Tipos Ideais e suas Aplicações na Teoria Organizacional.	2003	Revista de Administração Contemporânea	X	-
10	Pedro Jaime Júnior	Um texto, múltiplas interpretações: antropologia hermenêutica e cultura organizacional.	2002	Revista de Administração de Empresas	-	X
11	Sérgio Carvalho Benício de Mello; Marcio Gomes de Sá	Tecendo uma virtuosa "colcha de retalhos": a constituição e interpretação de um corpus linguístico num estudo sobre reflexividade e articulação empreendedora	2006	Revista de Administração Pública	-	X
12	Pablo Holmes	Reconhecimento e normatividade a transformação hermenêutica da teoria	2009	Revista Brasileira de Ciências Sociais	X	-

Fonte: Elaborado pelas autoras (2009).

Muito embora se perceba a utilização da hermenêutica, *timidamente*, em estudos nacionais com publicações em periódicos, evidenciou-se, neste estudo, que apenas de 2003 a 2009 houve expansão de sua aplicabilidade tanto em ensaios teóricos como em estudos empíricos. Desses, 58% foram enquadrados como sendo estudos teóricos, e 42%, como teórico-empíricos, sendo que a ligeira ascensão da participação do periódico *Ciência da Informação*, no período de 2003 a 2008, evidencia uma preferência dos autores em publicar, acerca dessa temática, artigos cujo enquadramento metodológico consiste em ensaios teóricos. Dos seis artigos publicados por esse periódico, cinco são ensaios teóricos. Os demais periódicos tiveram uma publicação pouco representativa, sendo que apenas a *Revista de Administração Contemporânea* apresenta dois artigos da referida natureza em análise.

Na literatura, verificam-se ainda diversos conceitos para definir a temática hermenêutica. Nesse sentido, importa ressaltar que a afiliação teórica ao conceito de hermenêutica, utilizado neste estudo, foi feita com base principalmente nos precursores do assunto: Hans-Georg Gadamer, Martin Heidegger e Jurgen Habermas, que preconizam que a postura epistemológica hermenêutica é uma abordagem que combina a compreensão e a reflexividade do pesquisador, não importando se o âmbito de aplicabilidade é teórico ou teórico-empírico.

Tecer comentários sobre a postura epistemológica hermenêutica não é tarefa simples, ainda mais por tratar-se de assunto ainda pouco explorado e utilizado por pesquisadores no Brasil. Embora se note a relevância científica

do tema encontrado nas pesquisas realizadas por pesquisadores no Brasil, pode-se confirmar essa *tímida utilização* dos preceitos epistêmicos que circundam a hermenêutica. Ressalta-se que a postura hermenêutica é uma perspectiva que visa a explicar o comportamento do pesquisador frente a diferentes contextos. Tem, como base, a consciência reflexiva e a compreensão que envolve, ou mesmo que deveria envolver, o mundo do pesquisador, bem como o desenvolvimento da estrutura das linguagens naturais, apontada por Jurgen Habermas (1987). As linguagens naturais são adquiridas a partir do uso refletido da competência comunicativa, por meio da reflexividade e objetividade, e também da criatividade e da integração da linguagem e da práxis vital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é possível evidenciar que a contribuição epistemológica hermenêutica, para a prática da pesquisa nos estudos organizacionais contemporâneos, a partir de publicações em pesquisas científicas da área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo, pode ser considerada incipiente. São poucos os estudos alusivos à temática, e os artigos que compuseram a amostra tiveram um viés associado a outras temáticas, apresentando um hiato no que compete à postura epistemológica hermenêutica. Todavia, é importante salientar que o fato de não ter sido encontrado o termo hermenêutica, nos artigos, não significa que os pesquisadores não se utilizam de parâmetros de compreensões e interpretações em seus estudos. Quanto à amostra de artigos analisados, é possível

perceber que os mesmos versam sobre assuntos ecléticos e dizem respeito a temáticas relacionadas a organizações, informática, sociedade, e outros. Isso porque a hermenêutica consiste em uma temática que permite perpassar por diversos meandros de um assunto, o que se corrobora na práxis e na interpretação. Foi diagnosticado que, em apenas seis periódicos, foram publicados artigos atinentes à temática hermenêutica. A quantidade mais expressiva foi encontrada na *Revista Ciência da Informação*, perfazendo uma frequência relativa de 50% da população analisada.

Quanto ao tipo de publicação, sobrepujaram os estudos teóricos, com 58% das publicações. Os trabalhos teórico-empíricos totalizaram 42% da amostra analisada. Portanto, o assunto hermenêutica foi abordado principalmente em artigos descritivos. Isso demonstra que os pesquisadores brasileiros são propensos a descrever as realidades e poucos se lançam na criação/proposição de teorias, “sugestão de novas receitas” e inovação de forma ousada nos escritos. Ademais, esse viés pode ser resultante dos objetivos dos artigos. Nenhum deles abordou unicamente a temática hermenêutica, mas sempre associada a outro assunto. Portanto, é possível que exista uma lacuna a ser preenchida com trabalhos específicos sobre a postura epistemológica hermenêutica, aplicada aos estudos organizacionais.

Surpreendeu o fato de que não houve nenhum artigo que se enquadrasse nas metodologias quantitativa e quantitativa/qualitativa. Desse modo, fica evidente um padrão praticamente linear do perfil das publicações. Vislumbra-se, também, uma lacuna para inovar, criar novas

possibilidades de uso da hermenêutica nos comunicados escritos, no âmbito administrativo e organizacional.

Embora o estudo tenha contemplado apenas artigos científicos disponibilizados na internet, apresenta um elemento revelador de uma realidade que suscita questionamentos importantes sobre a pouca incidência da postura epistemológica hermenêutica nos estudos organizacionais. Verifica-se que esse problema leva à reflexão atinente a esse comportamento, de não estar sendo motivado pelo paradigma dominante da construção do conhecimento proposto pela Teoria Tradicional (ciência normal) dita “objetiva, que busca relações de causalidade, em confronto com o paradigma da Teoria Crítica (ciência interpretativista), dita ‘subjéctiva’, que busca compreensão, reflexão, sentido, entendimento”. Não é tarefa fácil romper com o paradigma dominante! A Teoria Crítica busca a emancipação do sujeito, a Tradicional, a conformação com os “modelos” dominantes. Até que ponto os espaços de publicação não estão reservados (em sua grande maioria) aos trabalhos *atenados* com o paradigma dominante na comunidade científica? Diante desse contexto, este estudo conjectura despertar futuros estudos que reflitam sobre a questão paradigmática de se produzir conhecimento científico.

Quanto às limitações deste trabalho, considera-se que foram analisados apenas os comunicados escritos publicados nos periódicos nacionais com estrato “A1”, “A2”, “B1” e “B2”. Não se ousou enquadrar os autores recorrentemente citados em uma postura hermenêutica específica. Desse modo, existe a possibilidade de replicar o estudo, focando periódicos

internacionais, eventos ANPAD e outros periódicos brasileiros classificados em outros níveis. Além disso, poder-se-á comparar os escritos, acerca da temática hermenêutica, publicados em outras áreas, com os resultados obtidos por meio deste estudo. Ademais, independentemente de rigor temático ou metodológico, vale aqui uma reflexão: será que outras teorias estão contribuindo para o desuso da hermenêutica nos escritos comunicados em periódicos nacionais? Ou, ainda, essa carência de suas publicações está relacionada à falta de incentivo, no mundo da cientificidade, em difundir mais essa abordagem? Até que ponto os pesquisadores se preocupam em esclarecer ao leitor todas as significações teóricas e revelar sua postura epistêmica?

Evidencia-se que é muito difícil estabelecer uma linha divisória entre os desdobramentos dados à hermenêutica. Isto porque esta divisão é dependente do texto. Cada texto traz, em sua materialidade linguística, uma ou mais teorias. Assim, cada pesquisador deve ler o texto, conhecer suas profundezas, e captar os efeitos de sentido que o texto é capaz de suscitar. Após observar o texto e extrair dele os seus significados, é possível vinculá-lo a uma ou mais teorias. É demasiadamente arriscado tentar encaixar um texto, filiando-o a uma teoria, tendo em vista que a sua tessitura é algo coletivo, fruto de muitas vozes (outros). Assim, é importante que cada pesquisador observe as especificidades de cada texto, o jogo de palavras que se combinam para formar o tecido verbal, os critérios cuidadosamente pensados para colocar cada palavra no lugar que elas ocupam no texto. Trata-se de uma construção detalhada, uma trama na

qual agem muitos sujeitos (concretos ou virtuais). “Encaixar” o texto em uma única teoria significa reduzir o seu significado limitando a interação entre autor e leitor. Se a hermenêutica, como diz Gadamer, significa a formação da consciência crítica, logo, o posicionamento do sujeito, diante do texto ou do objeto a ser desvendado, deve ser crítico, reflexivo, aberto a compreender a complexidade diante da qual se colocou.

Assim sendo, a hermenêutica trata de entender, compreender, conhecer e interpretar, e de apresentar um novo olhar sobre o velho conhecer ou sobre o mesmo objeto. Nessa ótica da hermenêutica, ficou evidenciado que os autores brasileiros ainda publicam de maneira incipiente, apresentando uma análise incipiente e passível de ampliação. Há carência de estudos no âmbito organizacional e administrativo alusivos, que revelem, com veemência, a postura epistemológica hermenêutica, quanto à estrutura e interpretação da interface da teoria e dados nas pesquisas, por não fundamentarem os seus preceitos teóricos – metáforas, paradigmas e analogias –, que permeiam a abordagem hermenêutica, ou mesmo a evidenciam.

Esse viés pode ser corroborado pelo pensamento do brasileiro Mário Quintana (2001, p. 111), “a gente pensa uma coisa, acaba escrevendo outra e o leitor entende uma terceira coisa, e... enquanto se passa tudo isso, a coisa propriamente dita começa a desconfiar que não foi propriamente dita”.

Ao provocar questionamentos acerca da reflexividade diante da postura epistêmica hermenêutica, teve-se como ponto de partida suscitar um diálogo crescente e de amadurecimento conceitual diante da

dimensão que a pesquisa poderá assumir. Assim, pode-se ainda inferir que, no vasto mundo da compreensão, nos deparamos com metáforas, parábolas, e analogias como exegese do conhecimento. Na dinâmica dessa relação e associação, o ser humano não se limita apenas a fazer parte de um contexto, mas em buscar compreendê-lo, interpretando-o, e, conseqüentemente, interagindo e evoluindo como *ser*, percebendo-se no mundo e sendo percebido por ele. Contudo, às vezes, esse processo poderá ocorrer sem sua percepção. Além disso, dada a subjetividade no campo individual da interpretação, infere-se que não há como obter uma interpretação fidedigna que seja condizente com as intenções de quem escreve. A interpretação, em seu

sentido *lato*, é decorrente do encontro do eu que escreve com o eu que lê. Dessa forma, pressupõem-se, no mínimo, duas faces subjacentes de sujeitos: uma ligada ao texto, objeto de leitura, e outra ligada ao leitor. Desse encontro, podem surgir inúmeros sentidos, inclusive divergentes daqueles pensados no momento da produção. “A essência da pergunta é colocar possibilidades e mantê-las em aberto” (GADAMER, 2002, p. 81).

Esta pesquisa não teve como enfoque apresentar modelos para tornar clara a postura epistêmica para o pesquisador nos estudos organizacionais contemporâneos, dada a subjetividade existente, mas suscitar discussões, reflexões e incitar futuras pesquisas sobre o assunto. ➤

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. O tempo não é o movimento dos corpos. Disponível em <<http://www.discursus.250x.com/textos/confis11.html>>. Acesso em: 15 dez. 2008.

AMARAL, M. N. C. P. **Período clássico da hermenêutica filosófica na Alemanha**. São Paulo: Edusp, 1994.

ANDRADE, M. A. D. **Ensaio sobre a teoria da interpretação das leis**. 2. ed. Coimbra: Arménio Amado, 1963.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1966.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARROS, T. M de M. **Hermenêutica e literatura: pressupostos teóricos de uma**

hermenêutica literária em Heidegger, Gadamer, Ricoeur e Jauss. 1992. Tese. - PUCR, Porto Alegre, 1992.

BULTMANN, R. **Crer e compreender: artigos selecionados**. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

CORETH, E. **Questões fundamentais de hermenêutica**. São Paulo: EPU, 1973.

CUNHA, H. P. Introdução à leitura hermenêutica. **Tempo Brasileiro**: Martin Heidegger. Rio de Janeiro, v. 50, p. 27-36, jul./set. 1977.

DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1981.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

DERRIDA, J. **A Escrita e a Diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DERRIDA, J. La desconstrucción en las fronteras de la filosofía. In: PEÑALVER, Patricio. **La retirada de la metáfora**. Barcelona: Paidós, 1989.

DYLTHEY, W. **Essência da filosofia**. Lisboa: Ed. Presença, 1979.

DYLTHEY, W. O surgimento da Hermenêutica. Publicação. **Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**, Juiz de Fora: [s. n.], 1900. v. 2.

FARIAS, J. H. **Análise crítica das teorias e práticas organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2007.

FARRAR, F.W. **History of Interpretation: Eight Lectures Preached Before the University of ...** 1886. Reprint of the 1886 ed. published by E. P. Dutton. Publicado por Baker Book House, 1979. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/historyinterpre02farrgoog>> Acesso em: 26 nov. 2008.

FLACIUS, M. I. *Clavis Scripturae Sacrae seu de Sermones Sacrarum literarum*. Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Company Grand Rapids, [19--].

FRANCO, S. de G. **Hermenêutica e psicanálise na obra de Paul Ricoeur**. São Paulo: Loyola, 1995.

GADAMER, H-G. A pretensão de universalidade da hermenêutica. In: GADAMER, H-G. **Dialética e hermenêutica**. Tradução de Álvaro Valls. São Paulo: L&PM, 1987.

GADAMER, H-G. **Verdade e Método**. 4. ed. rev. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2002.

GRANDESSO, M. **Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=5fZowx12L9YC&printsec=frontcover&dq=hermeneutica+objetivista&source=gbsummary_r&cad=0#PPA34,M>. Acesso em: 25 out. 2008.

GRONDIN, J. **Introdução à hermenêutica filosófica**. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

HABERMAS, J. **The Theory of Communicative Action**. London: Beacon Press, 1981.

HABERMAS, J. **Conhecimento e interesse como um novo**

prefácio. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

HABERMAS, J. **Dialética e Hermenêutica**: para a crítica da hermenêutica de Gadamer. Tradução de Álvaro Valls. Porto Alegre: L&PM, 1987a.

HABERMAS, J. **Dialética e hermenêutica**. Porto Alegre: L&PM, 1987b.

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HEIDEGGER, M. **Todos nós ninguém**: um enfoque fenomenológico do social. São Paulo: Editora Moraes, 1981.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

HEIDEGGER, M. **Existence and Being**. 1949. Disponível em: <<http://www.archive.org/stream/existenceandbein007418mbp>>. Acesso em: 15 dez. 2008.

HEIDEGGER, M. **Dialética e hermenêutica**. Porto Alegre: Ed. L&PM, 1987.

HIRSCH, E. D. Jr. **Validity in Interpretation**. 1967. Disponível em: URL: <http://www.hellenisti.com/2009/02/validity-in-interpretation-by-ed-hirsch/> Acesso em: 15 dez. 2008.

MACHADO-DA-SILVA, C. L.; CUNHA, V. C.; AMBONI, N. Organizações: o estado da arte da produção acadêmica no Brasil. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 24., 2000, Florianópolis. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2000. CD-ROM.

PALMER, R. E. **Hermenêutica**. Tradução de Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1989.

PALMER, R. E. **The Relevance of Gadamer's Philosophical Hermeneutics to Thirty-Six Topics or Fields of Human Activity**. 1999. Disponível em: <<http://www.mac.edu/faculty/richardpalmer/relevance.html>>. Acesso em: 15 dez. 2008.

PIETERS, R.; BAUMGARTNER, H. Who talks to whom? Intra- and interdisciplinary communication of economics journals. **Journal of Economic Literature**, [S. l.], v. 40, n. 2, p. 483-509, 2002.

QUINTANA, M. Emergência. In : MORICONI, I. (Org.). **Os cem melhores poemas brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

RICOEUR, P. **As culturas e o tempo**. Petrópolis, Vozes, 1975.

RICOEUR, P. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica**. Portugal: RÉS, 1988.

RICOEUR, P. **Historia y verdad**. Tradução de A. O. Garcia. Madrid: Ediciones Encuentro. 1990.

SCHLEIERMACHER, F. D. E. **Über die Religion**: Reden an die gebildeten unter ihren Verächtern. 1878. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/uberdiereigion00schlgoog>>. Acesso em: 22 dez. 2008.

VANTI, N. A. P. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 152-162, maio/ago. 2002.

VATTIMO, Gianni. La reconstrucción de la racionalidad. In: VATTIMO, Gianni. (Comp.). **Hermenêutica y racionalidad**. Tradução de Santiago Perea Latorre. Santa Fé de Bogotá: Norma, 1994.